

Ecoss da Shoah: coisas e objetos na obra de Meir Kucinski

Lyslei Nascimento¹

Memória

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.*

(Carlos Drummond de Andrade)

De Carlos Drummond de Andrade vem *A lição de coisas* como a capacidade do escritor de “gerir o mundo no verso”, portanto, a partir da poesia das coisas (DRUMMOND, 2012, p. 12). O poeta considera, nesse livro, como uma missão da palavra, “ressuscitar os mortos” ((DRUMMOND, 2012, p. 12). Nesse sentido, ao tomar o estudo das coisas e dos objetos na obra de Meir Kucinski, terei como foco também a noção que Roland Barthes apresenta sobre o pormenor que, na cena da escritura, toma lugar e ali se inscreve (BARTHES, 1987, p. 70), bem como o da ideia de “detalhe absoluto”, de unidade indivisível, que apontam para notações no texto. Estas, “escandalosas” e “inquietantes”, revelam que “tudo, no discurso narrativo, é significante, [...]” (BARTHES, 1971, p. 38). De acordo com essa perspectiva, os objetos, como pormenores significativos, tornam possível, pela leitura, rastrear a sua inscrição, como as roupas e uma estranha boneca, quase sem cabelos, no romance *Mamelosh, memória em carne viva* (GRYNBERG, 2004), de Halina Grynberg, ou a boneca de celuloide e suas roupinhas de crochê em *O livro de Ruth*, de Ruth Sprung Tarasantchi (TARASANTCHI, 2019).

Meir Kucinski, nasceu na Polônia, em 1904, e imigrou para o Brasil em 1935, indo residir em São Paulo onde faleceu em 1976. Ele foi jornalista e professor. Escreveu artigos, contos e ensaios que foram publicados, em sua maioria, na imprensa ídiche brasileira. Na década de 1940, lecionou no Seminário de Professores do Colégio Renascença. Seu primeiro livro de

¹ Professora Titular de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG. Bolsista da FAPEMIG e do CNPq. E-mail: lyslei@ufmg.br

contos, *Estilo Brasil*, foi publicado em Tel Aviv em 1963, e em 1974, ele recebeu o prêmio da revista *Di Tzukunft*, de Nova York, pelo conto “*Der Guibor*”, O homem mais forte do mundo, (KUCINSKI, 2002, p. 223-246). Profundamente marcado pelo desaparecimento da filha, Ana Rosa, sequestrada pelas forças da ditadura no Brasil, Kucinski acabou por surgir, ficcionalizado, no romance *K. Relato de uma busca*, de seu filho, Bernardo Kucinski (KUCINSKI, 2014).

Segundo Rifkza Berezin, ele registrava, em sua obra, “a saudade do velho lar, dos familiares que lá tinham permanecido, os anseios pela vida judaica vibrante da Europa, que deixaram para trás, e também revelavam os sentimentos de solidão do recém-chegado” (BEREZIN, 2002, p. 13-29). A luta pela sobrevivência era o grande tema de suas narrativas. Muitas delas tinham, nos personagens, a representação da profissão de quase todos esses imigrantes: o vendedor de porta em porta, à prestação, e a de suas mercadorias: roupas de cama, mesa e banho, gravatas e até santinhos.

Alguns de seus contos foram publicados em uma preciosa coletânea intitulada *Imigrantes, mascates & doutores*, organizada por Berezin e Hadasa Cytrynowicz. Elas orquestraram, na coletânea, vários tradutores do ídiche, a língua na qual os textos foram escritos (KUCINSKI, 2002).² Cytrynowicz e Genha Migdal coordenaram outra importante publicação, *O conto ídiche no Brasil*, que traz, entre outros autores, Meir Kucinski, com outros três contos (CYTRYNOWICZ; MIGDAL, 2007).

Nas tramas dessas narrativas, fulguram objetos privilegiados que, não só cumprem a função de compor a cena, mas marcam o estar e o ser dos personagens nas histórias. O judeu no exílio, um narrador por excelência, faz da escrita e da leitura não só religiosa, mas secular, a “pátria encadernada e portátil”, como queria Moacyr Scliar (SCLIAR, 1996), e os objetos que mobíliam o mundo literário, vasto e atravessado por diversidades religiosas, étnicas, culturais, testemunham esses encontros.

Da parte intitulada “Ecos do Holocausto” (KUCINSKI, 2002, p. 171-196), de *Imigrantes, mascates & doutores*, recorto textos nos quais a palavra “ecos” traz ao leitor não só o fenômeno físico marcado pela repetição de um som devido à reflexão de ondas sonoras, como também a ideia de rumor e de ruído, de repercussão, de vestígio, de recordação. Sendo assim, os objetos citados pelo escritor fazem falar ruídos e vestígios da Shoah que estão presentes na ficção. Os contos “A prédica” (KUCINSKI, 2002, p. 173-179) e “O tio” (KUCINSKI, 2002, p. 181-190) foram traduzidos por Esther Terdiman, e “Mitzves, boas ações” (KUCINSKI, 2002, p. 191-196), por Meiri Levin, que também assina as belas e inquietantes ilustrações.

² KUCINSKI, 2002.

No primeiro conto, “A prédica”, um imigrante, Moische, precisa de crédito para sobreviver como mascate e ele o consegue, mesmo provocando desconfiança por parte dos comerciantes, porque em meio às mercadorias, ele sempre levava um livro consigo. Esse objeto, o livro, acaba por fazer com que, entre todos os mascates, ele se destaque. Observe-se, em:

Mas uma coisa estragou seu destino e tumultuou os fundamentos dos critérios dos comerciantes em relação a ele: tinham percebido que ele, Moische Bialobieski, carregava frequentemente um livro sob o braço. Ele costumava levar esse livro apertado embaixo do braço, sob as axilas, para que não desse muito na vista; mas, para os desconfiados e questionadores olhares dos fabricantes de roupas feitas, geralmente os bessarabianos, esse livro não passava despercebido (KUCINSKI, 2002, p. 175).

O livro, assim, nas mãos do mascate, que necessita de crédito para comprar mercadorias para vender e sobreviver, acaba por causar desconfiança nos outros comerciantes. Além disso: “O livro sob o braço era o silente e secreto sinal de seu passado, do seu eu. Era um tipo de bandeira em relação ao mundo materialista do judeu brasileiro, em geral da Bessarábia, de Volínia e da Lituânia.”, afirma o narrador (KUCINSKI, 2002, p. 176), que narra, na sequência, a chegada das notícias das dores sofridas pelos judeus na Europa. A José Paulino estremece e os bessarabianos, de repente, esquecem-se de suas diferenças com os poloneses: “Todos se recolhiam à sinagoga para os necrológios e os protestos. Enquanto isso, os clubes radicais dos poloneses se davam conta de que não era o momento dos clubes, mas sim, da sinagoga.” (KUCINSKI, 2002, p. 177).

Eles então escolhem, para o sermão, aquele que, entre todos, carregava o livro, Moische. De alguma forma, o livro simboliza não só a religião, mas a cultura, a pátria portátil, como queria Scliar. Diante dos judeus, não só os conterrâneos, da Polônia, mas também os bessarabianos, ele decifra os nomes dos povoados que vinham distorcidos, sobe no púlpito, voltado para o auditório, com sua face vermelha, descascada, destoando da tristeza reinante naquela solenidade. Ele começa por corrigir as interpretações e traduções sobre o significado dos telegramas recebidos: “Não é uma destruição de cidades polonesas, mas de antigas comunidades judaicas.” (KUCINSKI, 2002, p. 179).

No dia seguinte, com sua mercadoria e o livro, ele é saudado como um herói. De propósito, ele vai de loja em loja para ser cumprimentado. O resultado, no entanto, é o contrário do que ele esperava. Os comerciantes que lhe apertavam as mãos afirmaram que ele não poderia continuar a ser um simples mascate, afinal, agora, ele poderia ser o porta-voz de todos. Um deles, secamente lhe diz: “Desista de mascatear. Torne-se um professor, um mestre-escola.” Há, nesse remate do conto, uma terrível ironia, agora, admirado por todos, Moische já não tem

credibilidade para as vendas, para vender e cobrar o pagamento, afinal, de acordo com alguns comerciantes, “ele só pensa em livros” e só poderá “fazer cartões literários de caloteiros.” O personagem, assim, perde o pouco crédito que ainda lhe restava diante dos comerciantes (KUCINSKI, 2002, p. 179). O humor, com certa dose de realismo, portanto, nesse ácido epílogo, revela que a erudição e a performance de Moische driblam a resistência dos distintos grupos, mas não os infortúnios da sorte. Ele se envaidece com a sua capacidade de afetar a comunidade com sua prédica, seu sermão, mas acaba por receber a sugestão de ser um simples professor.

No segundo conto, “*Mitzves*, boas ações”, desde o início da narrativa, põe em cena, a guerra que havia terminado a falta de notícias sobre os sobreviventes da cidade polonesa de Scheradz. Antes de vir para o Brasil, relata o narrador, o presidente da Sociedade dos Antigos Moradores da Cidade de Scheradz, fora alfaiate, sem nunca ter sentado diante de uma máquina de costura, ele registra irônico. De olhos alegres, mas zombeteiros, no Brasil, ele montou

uma fábrica de confecção de roupas masculinas, artigos de primeira qualidade. As passadeiras e as bordadeiras brasileiras davam tudo por ele, cercando-o sempre nas oficinas, enquanto os seus concorrentes andavam sempre à procura de alguma auxiliar, de alguma arrematadeira. A sorte lhe sorria e fora corado pelos *schraders* como o seu presidente (KUCINSKI, 2002, p. 181).

Note-se, no trecho, que sua boa aparência atrai a atenção das brasileiras. Esse personagem, que o narrador não tem pejo em revelar sua capacidade de ser alfaiate sem saber costurar, ser bem-sucedido devido à sedução que parece exercer sobre as mulheres e não ser má pessoa, apesar de sempre escapar de pedidos, favores e empréstimos, com uma resposta evasiva: “vamos ver...” (KUCINSKI, 2002, p. 182), diante de outros *schraders* que haviam se dado bem nos negócios, ele, o presidente, supera a todos.

Na sequência, o narrador relata que começam a aparecer em São Paulo alguns judeus sobreviventes da Segunda Guerra, de diferentes cidades e países, mas de Scheradz não aparece ninguém, o que causa agitação na comunidade. Até que surge uma única família: Iossl, sua mulher assustada e quase muda e dois meninos calados, que haviam esquecido a própria língua.

Convidada para jantar na casa do presidente, a família recebe dinheiro para que possam sobreviver na pensão onde estavam instalados. O leitor descobre, na segunda parte do conto, que o presidente, quando havia partido para o Brasil, fora apoiado por Iossl, que oferecera, inclusive, um banquete de despedida, mas parece que, agora, ele não se lembra mais disso. Eles exageram na ostentação, na “exibição dos móveis, enfeites e tapetes do palácio do presidente, coisas nunca vistas nem nas casas dos antigos nababos de Scheradz.” (KUCINSKI, 2002, p.

184). Iossl, sem sequer ser consultado, ele é informado que será sapateiro. O presidente procura entre as ruas da periferia de São Paulo uma pequena casa para moradia da família e, em outra ruela mais movimentada, um lojinha onde coloca uma cadeira de sapateiro, prateleiras, ferramentas. O resto... “vamos ver...”. A sapataria não obtém sucesso, apesar de não faltarem sapatos para consertar. Enquanto a visita dos contrterrâneos rareia, um grupo de mulheres visita família, são gentis e até trazem biscoitos. O narrador volta o seu olhar, e consequentemente o do leitor, para a esposa do agora infeliz sapateiro:

No começo, Sara, assustada, não conseguia compreender o que as mulheres falavam, mas ficou comovida quando estenderam sobre a mesa uma toalha de presente e colocaram tabuleiros com biscoitos. Sara foi se acostumando cada vez mais a elas; os meninos, que começava a absorver algumas palavras do português, já respondiam às perguntas, e foi assim que essas mulheres bessarabianas foram se aproximando cada vez mais. Sara ia se acalmando e seus tiques diminuía (KUCINSKI, 2002, p. 187).

São essas mulheres que recomendam que ela seja uma boa esposa e boa mãe, mas que não deixe tudo por conta do marido. Assim, ela fecha a oficina, vende tudo, inclusive as ferramentas, e recebe dos bessarabianos mercadorias para o comércio. O marido, pálido, deprimido – parece não se recuperar, revelando sua inadaptação ao novo lar, mas uma mulher de fibra renasce. Sara, em contraste com o marido, ganha peso, seus olhos já não parecem tão afundados nas órbitas. Um leve sorriso começa a aparecer-lhe, vez ou outra, no rosto avermelhado e endurecido. Ela e os filhos, pouco a pouco, começam a entender algumas palavras em português. Eles acordam cedo e olham com admiração para a nova paisagem. Enquanto o marido apenas sobrevive na realidade brasileira, a esposa e os filhos, também sobreviventes dos males do exílio, reagem e começam a se adaptar e a prosperar trocando as ferramentas da sapataria pelas mercadorias que irão vender.

O terceiro conto é “O tio”. Nele, Moische Wolf está diante de um dilema: receber, como genro, o sobrinho Iossl, um sobrevivente da Shoah. Como todos os judeus, ele pensava, sentia uma grande compaixão pelos irmãos sobreviventes, mas daí a recebê-lo na família, nos seus negócios, que só ele entendia, era motivo de preocupação. Sua esposa, porém, aguarda com ansiedade aquele que será um bom noivo para a filha. Afinal, no Brasil, “onde arde um fogo”, a moça corre o risco de se envolver com alguém não adequado. Por isso, ela diz chorosa: “É o único sobrevivente do meu irmão caçula, a coroa da família, o bom estudante... Dos outros irmãos e irmãs não há vestígios, nem sepultura, nem cinzas...” (KUCINSKI, 2002, p. 193).

Iossl, um jovem de ossos salientes e a pele esticada, descascada e vermelha sobre o rosto, tem a aparência debilitada como resultado das agruras passadas. O narrador arremata sua

descrição: “tinha a boca aberta como alguém que se preparasse para falar muito – mas todas as suas palavras se esgarçavam, ficavam suspensas no ar.” (KUCINSKI, 2002, p. 193-194). Além da imagem da boca aberta, que aponta para a comunicação debilitada do sobrinho, em suspenso, ou esgarçada, como um tecido que soltou os fios, ele traz inscrita a tatuagem impingida aos prisioneiros dos campos nazistas.

Quando Iossl melhora ânimo e aparência, é levado para o comércio. Lá, ele recebe o conselho dos comerciantes: “Esqueça tudo!” e de seu tio, um aviso:

Aqui é o Brasil. No Brasil cada um é como quer; se a gente quer, a gente é um tio, se não quer, não se comporta como um tio. Você está ouvindo Iossl? Então pegue esse pacote grande, pelo qual eu paguei; você não precisa me devolver o dinheiro. Mas um segundo pacote eu não vou te dar (KUCINSKI, 2002, p. 197).

Esquecer, no entanto, não é possível. As marcas físicas, pouco a pouco aliviadas e anunciadas pelo narrador, não escondem os traumas. No entanto, é preciso sobreviver e o aviso do dia é direto, porque não haverá um “segundo pacote”, ou seja, metaforicamente, uma possibilidade de segunda chance. Para esse personagem, no entanto, o conselho parece tão impossível quanto o de esquecer e o pacote de mercadorias é, em vez de uma oportunidade, um peso morto. Para ele, não há opção e tornar-se um tio e ajudar outras pessoas é apenas um eco longínquo. De acordo com o narrador:

Iossl, com as pernas bem abertas, a ossuda face em chamas e o olhar vago, olhava sem entender para o pacote como para um cadáver. Lembrou-se do chicote, no campo de concentração, que silvava como as palavras do tio: “No Brasil se a gente quer, a gente é um tio, se não quer, não se comporta como um tio...” (KUCINSKI, 2002, p. 196).

Nos três contos de Kucinski presentes em *O conto ídiche no Brasil* (KUCINSKI, 2007), o tema da Shoah é explícito e os objetos nele inscritos são impactantes, como o chicote, da citação anterior. No primeiro deles, “Sem idioma”, traduzido por Genha Migdal, desde o título, marca-se os desafios da comunicação em tempos pós-Shoah. Na história, Oscar Ernreich, um estudante universitário, após assistir a um horrível *pogrom*, um ataque a judeus, em sua cidade, na Polônia, relata e faz um juramento:

Não consigo descrever o que acabo de presenciar, o que acabo de ver; uma vergonha contar. Uma vergonha para todos nós. Foi horrível... Eu próprio vi bastões ensanguentados, lâminas de barbear... Eu mesmo ouvi seus gritos de alegria ao matar velhos judeus religiosos. Mãe querida! Fiz um juramento de não falar mais seu idioma. Enquanto eu viver, de minha boca não sairá mais nenhuma palavra polonesa... Não tenho mais vínculos com eles (KUCINSKI, 2007, p. 86).

Diante da barbárie do ataque com os bastões ensanguentados e as lâminas de barbear usados para matar e para raspar as barbas dos judeus piedosos, as armas dos agressores deflagram o juramento linguístico. Ele se torna professor de alemão e de inglês, aluga um quarto mobiliado de uma família judia assimilada, do alemão, é importante frisar, e, pouco a pouco, ele apaga dos “escaninhos longínquos da memória”, o polonês, acostumando-se a um papel de surdo-mudo em lugares públicos: no trem, no restaurante. Os anos passam rapidamente e, no início da década de 1930, os acontecimentos mundiais aniquilam o aconchego de Oscar.

Mas também a língua alemã começa a sufocá-lo. Comparando-se a uma pessoa cega de um olho que se sente ameaço pelo perigo de perder o segundo olho bom, pretende esquecer todos os idiomas, todas as culturas e aprender o simples e pobre idioma dos judeus, o ídiche. Usando um chapéu escuro e grande, quase rabínico, ele protesta, na entrada na grande sinagoga, contra o vandalismo de atear fogo em sinagogas e queimar os objetos sagrados. Na atualização dos pogroms pelos nazistas, o professor faz novo juramento: “De hoje em diante... eu só falo ídiche.” (KUCINSKI, 2007, p. 92). A partir dessa última promessa linguística, uma profunda alegria emerge dele e o quase “surdo-mudo” professor começa a falar e a ouvir como gente, como um judeu.

Os objetos da violência e as consequências dos seus usos pelos agressores deflagram às promessas linguísticas, que definem comportamentos e provocam uma espécie de retorno do judeu assimilado ao ídiche, ou seja, à tradição. Essa língua torna-se, assim, no conto, naquele momento, um refúgio e um precário alento.

No segundo conto, “Entre duas avós”, também traduzido por Migdal, narra-se as aventuras e as desventuras de Rebeca, uma menina judia, filha de um casamento misto, que, “entre duas avós”, uma judia, outra cristã, aprende sobre as diferenças, principalmente, em meio a outras crianças. Na trama, a 8ª. série do ginásio feminino Euclides da Cunha, do Rio de Janeiro, concretiza um sonho: realizar uma excursão de três dias à lendária cidade de Ouro Preto (KUCINSKI, 2007, p. 95). Na cidade histórica, as lojinhas lotadas de folhas de pedra como se a pedra fosse um tipo de massa de moldar ornamentos:

Dentro das lojas estavam penduradas terços, e nas prateleiras de pedra acumulados montes de “sagradas” cruces baratas, cartões coloridos com conhecidas cenas históricas do martírio de Tiradentes, que, de fato, neste lugar, há centenas de anos, aconteceu nesta cidade de fé e arte popular (KUCINSKI, 2007, p. 97).

Numas dessas lojinhas, apinhadas de coisas sagradas, Debora escolhe uma cruz feita de pedra polida preta com toda a borda prateada, para, claro, a avó católica. E para a “bobe”, a avó judia? Não há estrelas de Davi em Ouro Preto! Ela se arrepende da compra, que já não parece

tão bonita, e quer jogá-la fora. Mas, falta-lhe coragem. Jogar fora um objeto sagrado? De fato, ela pensa, não era sagrado para ela, mas era para a vovó Filomena. Tímida e ruborizada, volta à loja onde comprara a cruz e desenha uma estrela de Davi que havia desenhado para o vendedor, de óculos grossos, com a recomendação de que ela fosse exatamente como a cruz: em pedra preta brilhante, debruada de dourado. No dia seguinte, ela vai buscar a estrela de Davi, encomendada: perfeita conforme o pedido: “Rebeca colocou-a na bolsa, junto à cruz, onde ambos os berloques se choraram. Com o choque Rebeca sentiu-se novamente mal, novamente sentiu-se oprimida.” (KUCINSKI, 2007, p. 102).

O “choque” entre a cruz e a estrela, na bolsa de Rebeca, acabam por se revelarem inexpugnáveis pela personagem. Assim, quando o ônibus passa por uma ponte sobre um rio caudaloso, ela retira os dois “objetinhos” pretos da bolsa e os lança na água. A ação de lançar fora os objetos sagrados, tanto o cristão quanto o judaico, desata as amarras da geração dos netos, fazendo com que um “poeirento, frívolo e dourado” raio tardio de sol invada o ônibus “dançando atrevidamente” no canto, à janela, onde está sentada Rebeca. Talvez, o choque metaforizado pelos pingentes só possam ser amenizados quando símbolos e metáforas possam ser ressignificados no curso/rio da história, das histórias coletivas e particulares, mas não sem que estas sejam atravessadas pelo “raio tardio do sol matutino” da tradição (KUCINSKI, 2007, p. 104).

O terceiro conto de Kucinski traduzido por Migdal intitula-se “O rabino” e o seu foco está nas agruras de um religioso diante do convite para uma palestra, não em ídiche, mas em português, para atender a plateia que não entende o idioma, em um renomado clube judaico de São Paulo. Enquanto aguarda ser chamado à conferência,

com uma aguda audição cultivada desde o campo de concentração atentava para as quietas andanças nas escadas. Seus olhos perspicazes buscavam através das grossas lentes as poucas pessoas do público sentadas à distância e, então, iniciou sua preleção sobre Maimônides (KUCINSKI, 2007, p. 112).

O narrador revela os choques geracionais que põem em dúvida uma tradição que, ora se reinventa, ora não, na tensão entre cultura, erudição, religião, advinda da assimilação. Nesse contexto, apesar de judaico, denuncia-se a perda da força espiritual da cultura letrada ídiche por intermédio dos “bancos vazios e escuros do salão”. Com pouca plateia, que o rabino também julga inábil para escutá-lo, ele arremata ao presidente da mesa: “— O senhor não ofendeu a mim nem à honra da *Torá*; o senhor ofendeu a si próprio.” Diante da parca plateia estupefata, o rabino saltou do estrado e, sem olhar para trás, vai embora, com passos firmes e sonoros.

Como um mosaico de personagens e objetos, a obra de Meir Kucinski, especialmente os seis contos aqui abordados, compõe um dos mais ricos acervos da imigração judaica no Brasil. Os contos sobre a Shoah de Kucinski revelam a memória de um mundo deixado em ruínas, que foi destruído pela violência, pela intolerância e pelos desatinos do poder nazista, e que impôs aos judeus os males da ausência, das agruras do exílio forçado. Articulada e rearticulada na ficção, com humor e com uma capacidade única de rir de si mesmo para seguir em frente, o imigrante, o exilado judeu, torna-se, no entanto, um perfil judaico do Brasil, cujas histórias, cuja poesia da coisas, ainda nos resta desvelar.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Lição de coisas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARQUIVO MAARAVI: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. v. 1 n. 1 (2007): Shoah: arquivos do bem, arquivos do mal. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/issue/view/767>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- BARTHES, Roland. O efeito do real. In: BARTHES, Roland et al. *Literatura e semiologia: pesquisas semiológicas*. Tradução: Célia Neves Dourado. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 35-44.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução: Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BEREZIN, Rifka. Prefácio. In: KUNCISNKI, Meir. *Imigrantes, mascates & doutores*. Tradução: Rifka Berezin et al. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 13-29.
- CYTRYNOWICZ, Hadasa; MIGDAL, Genha (org.). *O conto ídiche no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2007.
- GRYNBERG, Halina. *Mamelosh: memória em carne viva*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- KUCINSKI, Bernardo. *K. Relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- KUNCISNKI, Meir. *Imigrantes, mascates & doutores*. Rifka Berezin et al. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- NASCIMENTO, Lyslei. Cidades e textos invisíveis: Meir Kucinski e a literatura ídiche no Brasil. *Noah/Noaj*, n. 16/17, jun. 2007. Organizadores: Berta Waldman e Moacir Amâncio. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 243-253.
- NASCIMENTO, Lyslei. Discretos e escondidos cantinhos da alma: a condição religiosa imigrante no conto “Kadisch: a oração pelos mortos”, de Meir Kucinski. In: LEWIN, Helena (coord.). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 255-261.
- NASCIMENTO, Lyslei. *Despertar para a noite e outros ensaios sobre a Shoah*. Belo Horizonte: Quixote+Do, 2018.
- SCLIAR, Moacyr. A prosa judaica entre dois polos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 abr. 1996. Caderno Mais.
- TARASANTCHI, Ruth Sprung. *O livro de Ruth*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2019.